

O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA

PT

Obras da Fundação Gaudium Magnum
Maria e João Cortez de Lobão

20 FEV — 19 MAI
2024



Nicolaes Pietersz Berchem
(Harlem, 1621/1622 – Amesterdão, 1683)

**A batalha entre Alexandre, o Grande,
e o rei Poros no rio Hidaspes**
Assinado no canto inferior direito: «N. Berchem»

c. 1670-1675
Óleo sobre tela
111 × 154 cm

Fundação Gaudium Magnum
– Maria e João Cortez de Lobão

Nicolaes Pietersz Berchem, nascido em Harlem em 1621/1622, era filho do mais importante pintor holandês de naturezas-mortas, Pieter Claesz, com quem deve ter aprendido os rudimentos do ofício mas cujo caminho não seguiu. No início da carreira foi bastante influenciado pelas obras de Pieter van Laer (1599-1642), artista seu conterrâneo, formado e ativo em Roma, onde praticou com sucesso, com outros holandeses, a cena de género e ajudou a consagrar o gosto pela *bambocciata*.

Em 1642, Berchem integrou a Guilda de São Lucas de Harlem e afirmou-se como um pintor reconhecido, dedicando-se, de forma eclética, às paisagens, às cenas de inverno e de género mas também à pintura de história. A produção de pequenos formatos, com temas não religiosos que começavam a ganhar dignidade pictórica, reconhecimento crítico e lugar nas grandes coleções europeias, tornava comercialmente estimulante a especialização da oficina do pintor, de acordo com as tendências flutuantes do gosto e das oportunidades do mercado de obras de arte. Berchem dedicou-se, primeiro, à paisagem pastoril de inspiração italiana, influenciado pela obra do seu compatriota Jan Both (†1652); seguiu também a lição de um outro artista holandês, igualmente com formação em Itália, Jan Baptist Weenix (†1663), autor de vistas de portos e de paisagens, com figuras elegantes e enquadramento monumental de arquiteturas fantasiadas; e, após a morte de Philips Wouwerman, em 1668, realizou pinturas de caça e de cavalos e registos de batalhas, em que aquele se tinha distinguido e assegurado uma clientela segura.

Não sendo dos episódios mais populares de entre as façanhas bélicas de Alexandre, o Grande, a derrota do rei Poros às mãos dos exércitos macedónios, que Berchem deve ter pintado entre 1670 e 1675, inspirou mesmo assim um conjunto importante de obras de arte durante toda a Época Moderna, incluindo a ópera – basta lembrar a criação mais tardia de G. F. Händel, *Poros, Rei da Índia*. Das manufaturas têxteis de Delft saiu, no primeiro quartel do século XVII, um ciclo de tapeçarias dedicadas ao tema, com desenho de Karel van Mander II, encomendado pelo rei Cristiano IV da Dinamarca, do qual fazia parte uma peça alusiva

à batalha. Um ciclo afim, haveria pouco mais tarde de ser enviado igualmente para Portugal, adquirido pelo marquês de Fronteira para o seu palácio de Benfica.

Esta pintura, única na produção do seu autor e de toda a pintura holandesa, revela o fascínio que a figura de Alexandre nunca deixou de exercer ao longo de um período tão largo. Como a de outros generais da Antiguidade, a sagesa militar do rei, amplificada pelos relatos apócrifos antigos e medievais coligidos n' *O Romance de Alexandre*, servia como *exemplum* de capacidade de chefia e de destreza militar, neste caso, tornado ainda mais atractivo pelo referente da cultura clássica e pelos ambientes exóticos evocados pelas campanhas alexandrinas da Índia.

O quadro descreve o primeiro e mais decisivo lance da batalha, quando Alexandre investiu de surpresa as tropas de Poros, num tropel de homens e animais que se agitam, cheios de som e de fúria, em torno da figura central de Alexandre. Ao fundo, avançam os elefantes do exército indiano, de que falava Plutarco no seu relato histórico, acrescentando uma nota mais de terror apocalíptico a um ambiente já denso de ferro e de fogo.

É de 1766 a primeira menção documental desta magnífica obra de Nicolaes Berchem, no leilão de uma coleção privada de um notável de Amesterdão, Nicolaas van Bremen, pelo que não se conhece a sua proveniência original. Pode não ser coincidência que a realização desta obra sobre o domínio de um potentado indiano por um príncipe europeu coincida com o período áureo da expansão da Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC), mas o tema e a dimensão, bem como o estilo heróico, sugerem, de acordo com uma proposta recente, tratar-se de uma encomenda (direta ou de alguém em seu nome) de Guilherme III, príncipe de Orange, mais tarde rei de Inglaterra, renomeado em 1672 governador dos Países Baixos. As suas empresas vitoriosas contra os poderosos exércitos de França e de Inglaterra faziam dele, seguramente, aos olhos dos seus contemporâneos, um novo Alexandre, digno de ser celebrado pelos pincéis de um dos mais proeminentes artistas ativos na Holanda no início do último quartel do século XVII.

MIGUEL SOROMENHO